

# Com aulas virtuais, universidades afastam corte de propinas

Área: 707cm<sup>2</sup> / 37%

FOTO Titagem: 16.981

Cores: 4 Cores

ID: 6807532





## FILOMENA LANÇA

filomenalanca@negocios.pt

**A**s universidades estão empenhadas em que o ensino à distância esteja a ser garantido sem sobressaltos e “a resposta das instituições está a ser muito positiva”. Usam-se plataformas de ensino à distância, aulas em streaming, programas adaptados e até as provas públicas de mestrado e doutoramento estão asseguradas. A garantia é de António Augusto Fontainhas Fernandes, reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), em entrevista ao Negócios.

A Associação Académica de Lisboa propôs nos últimos dias a suspensão da cobrança de propinas enquanto durar a crise pandémica, para serem depois pagas sem juros, mas Fontainhas Fernandes não equaciona sequer essa hipótese. “Reuni esta semana com os representantes de departamento e posso garantir que o ensino à distância está a ser lecionado” e que “em alguns casos a assiduidade dos alunos é até maior”, afirma. Cada entidade tem iniciativas próprias, mas todas estão a usar plataformas de ensino à distância, com aulas online através do Colibri (ferramenta para o superior que nos últimos dias já teve em simultâneo mais de 200 mil utilizadores).

“Em duas ou três semanas implementámos um sistema que ninguém estava à espera e os professores, com uma média etária

entre os 50 e os 60 anos, estão a adaptar-se muito bem”, destaca o reitor. “Neste momento, há uma grande determinação para que o ensino à distância funcione realmente, com registo de sumários, comprovativos, fichas de unidades curriculares corrigidas e adaptadas” porque “se há um aluno que alega incumprimento, a instituição tem de ter forma de comprovar o que está a ser feito e que está a cumprir a lei”. E a lei o que manda é que seja assegurado o ensino à distância, embora também admita um “reajustamento da propina” se tal não acontecer.



### O ensino à distância está a ser garantido e, em alguns casos, a assiduidade dos alunos até é maior.

ANTÓNIO FONTAINHAS FERNANDES

Presidente do CRUP

#### Queixas estão identificadas

Mas Fontainhas Fernandes também admite que nem tudo corre bem a todos. “Queixas haverá, mas estão identificadas e agora é preciso agir”, reconhece. Há alunos com dificuldades financeiras e, como alertava esta quinta-feira o Sindicato Nacional do Ensino Superior, há alunos e também professores “que habitam em zonas com muitas dificuldades de acesso à internet e que têm restrições nos meios materiais dis-

poníveis, como computadores”.

O Governo já anunciou um reforço na ação social, mas as universidades admitem usar os seus fundos de emergência e avançar com ajudas, enquanto as bolsas não chegam, garante o presidente do CRUP. Há também contactos “com as operadoras, para um reforço dos dados” e está a ser feito o levantamento dos alunos que se deparam com dificuldades de rede ou de meios tecnológicos, para determinar a sua localização geográfica. E se no caso dos docentes haverá mais facilidade em trabalharem nas universidades, nos seus gabinetes, onde não há ninguém e têm rede, já para os alunos, deslocados em suas casas, pode ser mais difícil, sendo que “o mercado de aluguer de computadores está esgotado”, diz o reitor.

Nesse contexto, “algumas instituições estão a equacionar pedir apoio às autarquias, para que cedam espaços em bibliotecas ou mesmo nas juntas de freguesia, onde não esteja ninguém e onde os alunos mais carenciados possam trabalhar”.

O Governo prometeu que haverá soluções tecnológicas para os alunos do básico e secundário no próximo ano, mas nada disse sobre o superior. “Era bom que este não ficasse excluído”, salienta Fontainhas Fernandes.

Quanto à possibilidade de aulas presenciais ainda este ano, a resposta é cheia de cautelas: “O grau de imprevisibilidade é tão grande que se exige prudência e bom senso.” Será decidido caso a caso, tendo até em atenção o contexto geográfico, remata. ■



## Privadas prometem resposta a dificuldades

No ensino privado, tal como no público, também não há intenções de cortar ou reduzir propinas. O Negócios falou com responsáveis da Católica e da Lusófona, duas das maiores universidades privadas e, num caso como no outro, o que há são promessas de acudir a alunos cujos agregados sofram quebras acentuadas de rendimento na sequência da crise.

“Desde março que as instalações estão fechadas, mas as aulas continuaram em sistema remoto e no geral têm funcionado muito bem, com grande adesão e entusiasmo de alunos e professores”, garante Luís Gustavo Marques, vice-reitor da Universidade Católica Por-

tuguesa. “Claro que em aulas de laboratório é mais difícil, apesar de os professores terem tentado adequar as metodologias pedagógicas”, mas a convicção é que “se tem assegurado todas as aulas”. No entanto, “a universidade está muito atenta às condições familiares dos alunos. Não há nenhuma decisão, mas havendo alunos que demonstrem algum tipo de dificuldades financeiras, será avaliado, caso a caso”.

Resposta idêntica vem da Lusófona. “Já tivemos casos em que montámos uma linha de apoio social para alunos em situação de carência” e “cedemos equipamento a alunos que precisavam para poderem seguir as aulas”, explica Manuel Damásio, vice-reitor. As propinas mantêm-se tal e qual, mas procuraram encontrar soluções, nomeadamente, para as unidades curriculares em que o ensino à distância totalmente montado pela universidade não é suficiente e nas quais será prolongado o ano letivo. “Para os alunos de dissertação e tese de mestrado fizemos uma extensão até fevereiro de 2021 sem custos adicionais.” ■ FL